

CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA



Bicicleta pode ser a solução

Nestes últimos meses aumentou de maneira lamentável o número de acidentes fatais vitimando ciclistas em vários pontos da Grande Vitória. A maioria acontece ao longo das rodovias onde não existe ciclovias ou sinalização específica para este tipo de transporte que poderia ser a solução no sentido de minimizar as agruras do trânsito de nossos dias em que motoristas estressados acionam as buzinas até para sinal fechado.

A bem da verdade cumpre-nos reconhecer que a existência de um sistema de transporte coletivo eficaz e racional acabaria com todo este problema de engarrafamentos enervantes e desrespeito às regras básicas para um trânsito pelo menos razoável, com a vantagem explícita de reduzir consideravelmente os planos e projetos fabulosos para construção de aquaviários, pontes, túneis, trem-bala e coisas tais.

Quem pode desfrutar de um ônibus decente, com horário certo, funcionários gentis, sem passageiros em pé pelos corredores e com preços razoáveis e justos, por certo não vai querer sair de carro para ir e vir do trabalho pagando os olhos da cara pelo combustível, sendo espoliado pela indústria de multas que não deixa de ser uma rentável fonte de renda para os cofres públicos e ainda ficar a mercê de assaltantes ousados e impunes.

Mas como nossa realidade é outra – e a indústria e revendedoras de veículos adoram que as coisas sejam assim – todo mundo quer se locomover “montado” – “nem que seja num porco”, como diziam os mais velhos nas cidades interiores – e por conta disso entopem as ruas com seus carros posantes que no trânsito se tornam tão eficientes como as velhas carroças de outros tempos.

E nessa é que a pressão sobe e a educação se perde nos turbilhão dos motores roncando, os neurônios não suportam o peso da bagaça e a vaca acaba indo para o brejo com corda e tudo o mais.

E o resultado é que as clínicas médicas, as oficinas mecânicas,

os lanterneiros (em São Paulo são tratados de “funileiros”) as casas de peças, as seguradoras e os detrans da vida morrem de rir...

Pois com as bicicletas substituindo os motores boa parte desta plêiade de aborrecimentos seria abolida da vida dos cidadãos – principalmente daqueles que são obrigados a trabalhar para sobreviver. E o pior desta balada triste é que ninguém se dá conta disso continuando a construir rodovias sem as ciclovias, sempre prome-

tidas e nunca implantadas.

E quando um político mais esperto constrói uma delas é sempre mal feita e traçada em locais impróprios como é o caso de Vila Velha, por exemplo, onde uma ciclovias corta de ponta a calçada da principal avenida da cidade ameaçando os pedestres e obrigando os ciclistas a trafegarem no asfalto trocando seis por meia dúzia.

Houve um tempo em que na capital capixaba, então uma faixa de terra entre os morros e o mar, não era lá muito fácil para o uso das bicicletas, que hoje são “bikes” e na malandragem são tratadas de “magrelas”.

Mas Vitória cresceu – e como cresceu! – se estendendo por planícies que hoje compõem a região Metropolitana da Grande Vitória. Nestas regiões periféricas as bicicletas são utilizadas como meio de locomoção por grande parte de seus habitantes que diariamente arriscam suas vidas, única e exclusivamente, por falta de ciclovias.

Que construam túneis pontes e quejandos mas não se esqueçam das ciclovias porque, vai que um dia, o petróleo acabe? Como vai ficar?

Pensem nisso, por favor!



E nessa é que a pressão sobe, a educação se perde nos turbilhão dos motores roncando e os neurônios não suportam